

# A intuição do Todo indistinto

ELISEU RAPHAEL VENTURI

intransitiva  
• revista

MEMÓRIAS QUE NOS ATRAVESSAM (V. 4, N. 2, 2020)

# A intuição do Todo indistinto

Eliseu Raphael Venturi

---

Caminhando perdido garoa afora numa tarde azul-acinzentada de baixa luminosidade crepuscular, interpela-me a antiga casa – de um ocre ao alaranjado em um salmão indistinto ou algo do gênero – à venda.

Em um átimo, disparam memória e desejo pela força da palavra, “vende-se”; vejo um futuro, do ingresso à morte, sinto a intuição do todo indistinto, como se passado e futuro se unissem no presente descomprometido. Sensação genuína e profunda: vejo-me um velho e encontro-me criança, mas muito rapidamente.

Lembro-me desta casa e de algumas outras daquela rua desde a infância, daquela rua do departamento de trânsito com máquinas antigas de um muito amarelo-vivo, indecifráveis, em um museu de ferrugens até hoje a céu aberto; aquela rua repleta de árvores robustas, aquelas arquiteturas estrangeiras no tempo e no espaço, entremeadas por limo, umidade, feixes de sol, araucárias, uns pontos de fuga e o horizonte visíveis com grande alcance, calçadas de blocos desencontrados, raízes irrompendo os blocos de concreto, lama.

Aquelas casas sem hermenêutica ou semiótica, apenas um tempo que escoar por todos os lados e expulsa a história de si, portas e portões estreitos e altos para uma espécie desconhecida cujo corpo parece importar mais do que tudo (do que sofás ou máquinas de lavar), janelas vedadas para garantir a escuridão, emolduramentos e braços como uma certa obsessão, acabamentos cuidadosos como mania de contorno, equilíbrio de texturas e malhamentos no sentido do impecável,



símbolos religiosos mais ou menos evidentes (fé ou decoração), colunas simples, antessalas. Um tempo que se apaga, uma forma de vida que morre a cada nova demolição e empilhamentos.

Aquelas casas altivas em que o terreno é elevado, as ruas cortadas, as testeeiras erguidas para que a construção, embora pequena, tenha uma grandeza moral; escadas estreitas, jardins pouco elaborados, uma mistura de comedimento com afirmação. Pergunto-me que tipo de gente projetou este universo – gente extinta, único fato aferível, porque a gente de hoje é a gente do excesso do transitório.

Academias a 79,90, pizzarias a 29,90, demolições, tijolos e areias, condomínios apinhados, muito barulho, bêbados cantando alto em um bar, hieróglifos em camadas de pichações indistintas, tudo tumultua minha memória e vaza uma rua de lembranças, com muitos carros, ônibus, agências bancárias, lixo, em um frenesi, uma onda – e a chuva aumenta. O corpo de coisas que arrasta e leva aquele mundo em desfazimento. Pergunto-me que tipo de resto sou no meio daquilo tudo.

Procuo algum refúgio nas árvores e nas pedras, que carregam comigo a memória desses lugares em decomposição, mas o que não é morto, novo ou estranho, parece enfileirado ao apagamento, demarcado e condenado ao inevitável.

Sinto uma solidariedade profunda com aquele espaço, que talvez seja o prenúncio de um destino que compartilhamos.

Ando mais um pouco, vejo uma senhora muito idosa perdida num canto de um jardim-garagem, perdida numa tarde azul-acinzentada chuventa. Talvez ela seja um devaneio,

talvez uma pessoa mesmo, ou talvez uma

moça em quem projetei o tempo. Penso que ela esteja ali desde há muito, muito antes

do que tudo aquilo de que posso me lembrar (talvez os meus cenários mais firmes e de referência

já sejam as decomposições dos dela, deduzo) e penso em todas as imagens que ela deve trazer consigo e que logo se perderão também.

A onda me leva mais adiante.





Mais adiante um grande  
vazio ladeira abaixo, o  
horizonte todo da  
cidade aberto, vazio  
que já fora o espaço de  
uma grande casa rebaixada  
e bordada de lambrequins,  
uma casa estranha  
com aquela janelinha  
do inconsciente,  
em que morava  
uma senhora sozinha  
e muito estranha que  
assombrava minha  
infância em certo grau;  
uma casa há muito extinta  
cuja lápide é um resto de muro  
esquecido como último sinal ali, junto  
a alguma alvenaria remanescente  
de alguma modernização posterior da casa.

Chove realmente forte, ao mesmo tempo intuo os trajetos  
todos ali, daquela rua, por aquelas casas: trajetos do meu irmão, da minha  
avó, dos meus pais jovens, da criança animada que ia buscar desenhos  
na videolocadora, milhões de outros tantos trajetos de gente  
morta que sequer posso deduzir.

A chuva toda me basta, naquele  
momento, e o meu corpo já é aquele  
lugar todo que anoiteceu de vez.

Ilustrações de Gabrielle Carvalho

## Sobre o autor

Eliseu Raphael Venturi é Doutor em Direitos Humanos e Democracia pela Universidade Federal do Paraná. Licenciado em Artes Visuais pela Faculdade de Artes do Paraná.

Email: [eliseurventuri@gmail.com](mailto:eliseurventuri@gmail.com)